



Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

Letras, Linguística
e Artes: Perspectivas
Críticas e Teóricas 4

Atena
Editora

Ano 2019

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

Letras, Linguística e Artes:
Perspectivas Críticas e Teóricas 4

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
L649	Letras, linguísticas e artes: perspectivas críticas e teóricas 4 [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Letras, Linguísticas e Artes: Perspectivas Críticas e Teóricas; v. 4) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-704-8 DOI 10.22533/at.ed.048190910 1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes. 3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de. II. Série. CDD 407
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

No quarto volume deste e-book abrangente das áreas de Letras, Linguísticas e Artes, o leitor encontrará uma possibilidade de textos capazes de problematizar sua intervenção como agente protagonista e pesquisador, pois em cada reflexão são apontados inúmeros caminhos capazes de direcionar o leitor atento a problematizar sua proficiência e autonomia. Todo esse caminho discursivo se concretiza nas reflexões dos vinte e oito capítulos, que, certamente, contribuirão com a ampliação do leitor.

No primeiro capítulo, a autora relaciona a formação identitária visual dos alunos diante das influências do imaginário e do cotidiano escolar. No segundo capítulo, a temática do letramento em língua portuguesa para a pessoa surda representa o foco. No terceiro capítulo, discute-se a poética no curso de dança, por meio do *livro de artista*. No quarto capítulo, os autores analisam a construção da identidade, baseando-se em uma investigação de cunho analítico.

No quinto capítulo, são reconstruídos os percursos em torno da memória, sobretudo, do termo *reza*. No sexto capítulo, os modos de organização da linguagem artística dança são problematizados a partir das reflexões reveladas ao longo do estudo. No sétimo capítulo, os autores analisam o multiculturalismo e a aquisição de um novo idioma. No oitavo capítulo, a concepção à especialidade *autismo* é analisada na relação com os envolvidos no espaço escolar.

No nono capítulo, o contexto do Brasil quinhentista é apresentado a partir de uma análise historiográfica linguística. No décimo capítulo, a leitura é problematizada nos espaços do livro e das novas tecnologias digitais inseridas nos contextos de ensino. No décimo primeiro capítulo, o autor traz para a sala de aula as reflexões de Bakhtin, reafirmando a necessidade propositiva de utilização do autor no processo de ensino e aprendizagem na escola. No décimo segundo capítulo, é analisada a grotescalização da linguagem cômica europeia e a cultura cômica brasileira contemporânea.

No décimo terceiro capítulo, a autora analisa uma obra literária, apresentando questões sobre a personagem principal. No décimo quarto capítulo, o autor reflete, a partir de uma obra literária, além de problematizar questões e propor a ampliação de olhares sobre o texto literário. No décimo quinto capítulo, a autora rediscute a importância da Arte na educação infantil. No décimo sexto capítulo, a autora estabelece um processo de compreensão em dança, associando-o com os demais elementos na arte do movimento.

No décimo sétimo capítulo, a autora amplia a visão dos leitores sobre processos criativos em Rede Digital. No décimo oitavo capítulo, a autora coloca em destaque a presença do professor e do Ser professor. No décimo nono capítulo, há a proposição de um diálogo harmônico com uma ópera. No vigésimo capítulo, enfatiza-se a importância do ensino de Arte na Educação de Jovens e Adultos.

No vigésimo primeiro capítulo, as autoras refletem como a noção de sujeito foi sendo construída nos estudos linguísticos. No vigésimo segundo capítulo, as autoras abordam a educação informal como possibilidade de interação afetiva entre seis irmãos. No vigésimo terceiro capítulo, os autores descrevem as vivências de estudantes e, para isso, utilizam a linguagem midiática. No vigésimo quarto capítulo, os autores analisam, reflexivamente, as criações poéticas investigadas.

No vigésimo quinto capítulo, a autora coloca em destaque dois idiomas no campo da discussão. No vigésimo sexto capítulo, os autores colocam em destaque a corporeidade de um povo indígena. No vigésimo sétimo capítulo, a autora discute conceitos essenciais para multimodalidade. E, por fim, no vigésimo oitavo e último capítulo, a autora apresenta reflexões sobre a importância da literatura para o desenvolvimento do ser humano em sua complexidade, bem como sobre a viabilidade de desenvolver um trabalho com gêneros textuais baseado no Interacionismo Sociodiscursivo, de Bronckart (2003), Schneuwly e Dolz (1999), como uma possibilidade de sistematização do ensino de literatura em língua inglesa.

No término desta sucinta apresentação ficam explícitos os múltiplos desejos de que todos os leitores tenham a oportunidade de investigar novos caminhos, sendo eles desejosos de encontrar as respostas para suas próprias indagações.

Ivan Vale de Sousa.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
IDENTIDADE VISUAL E APROPRIAÇÃO ARTÍSTICA – O NOME COMO MARCA	
Christiane de Faria Pereira Arcuri	
DOI 10.22533/at.ed.0481909101	
CAPÍTULO 2	13
LETRAMENTO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA PESSOA COM SURDEZ	
Esmeraci Santos do Nascimento	
Antonia Luzivan Moreira Policarpo	
DOI 10.22533/at.ed.0481909102	
CAPÍTULO 3	23
LIVRO DE ARTISTA: ENSINO E POÉTICA NO CURSO DE DANÇA	
Carla Carvalho	
Mariana Lopes Junqueira	
DOI 10.22533/at.ed.0481909103	
CAPÍTULO 4	35
LUGAR DA IDENTIDADE EM MULAN: FEMININO OU MASCULINO?	
Marcus Pierre de Carvalho Baptista	
Elisabeth Mary de Carvalho Baptista	
DOI 10.22533/at.ed.0481909104	
CAPÍTULO 5	48
MEMÓRIAS SOBRE A REZA: PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO SOLO “PÉ DE OLIVEIRA”	
Ewellyn Elenn de Oliveira Lima	
DOI 10.22533/at.ed.0481909105	
CAPÍTULO 6	54
MODOS ORGANIZATIVOS EM DANÇA: A VULNERABILIDADE COMO ESTRATÉGIA DE ATRAVESSAMENTOS	
Adriana Bittencourt Machado	
Ireno Gomes da Silva Junior	
DOI 10.22533/at.ed.0481909106	
CAPÍTULO 7	61
MULTICULTURALISMO E A AQUISIÇÃO DE UM NOVO IDIOMA	
Fabio da Silva Pereira	
Janiara de Lima Medeiros	
Marcela Pinto Reis	
Melissa Jacob Otoni de Souza	
Monique Oliveira	
Ohana Gabi Marçal dos Passos	
DOI 10.22533/at.ed.0481909107	

CAPÍTULO 8	73
O AUTISMO NO CONTEXTO ESCOLAR: UM DESAFIO DE GESTÃO	
Anitereze Sevalho Lopes Rosineide Rodrigues Monteiro	
DOI 10.22533/at.ed.0481909108	
CAPÍTULO 9	85
O BRASIL QUINHENTISTA E A HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA: INTERFACES	
Leonardo Ferreira Kaltner	
DOI 10.22533/at.ed.0481909109	
CAPÍTULO 10	99
O ESPAÇO DO LIVRO E AS NOVAS TECNOLOGIAS: PROBLEMATIZAÇÃO CONTEMPORÂNEA DA LEITURA	
Thiago Barbosa Soares	
DOI 10.22533/at.ed.04819091010	
CAPÍTULO 11	112
NA SALA DE AULA COM MIKHAIL BAKHTIN	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.04819091011	
CAPÍTULO 12	123
O GROTESCO NA CULTURA MEDIEVAL EUROPEIA E A GROTESCALIZAÇÃO NA NOVA PERCEPÇÃO HISTÓRICA E MUDIÁTICA DA CULTURA CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA	
Everaldo dos Santos Almeida Roberto Max Louzeiro Pimentel	
DOI 10.22533/at.ed.04819091012	
CAPÍTULO 13	135
O INVERNO DE BÁRBARA: UMA ANÁLISE DO CONTO “BÁRBARA NO INVERNO”, DE MILTON HATOUM	
Lídia Carla Holanda Alcântara	
DOI 10.22533/at.ed.04819091013	
CAPÍTULO 14	145
PEDAÇOS DE PAISAGENS AQUI DENTRO: ASPECTOS DA PROSA LUSITANA OITOCENTISTA EM EÇA DE QUEIRÓS, FIALHO DE ALMEIDA E TRINDADE COELHO	
André Carneiro Ramos	
DOI 10.22533/at.ed.04819091014	
CAPÍTULO 15	157
PERCEBER O OLHAR ATENTO DAS CRIANÇAS SOBRE O MUNDO PERMITE REALIZAR PROPOSTAS CONVIVATIVAS DE ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
Renata Pereira Navajas Mancilha Barbosa	
DOI 10.22533/at.ed.04819091015	
CAPÍTULO 16	166
PROCESSO DE CRIAÇÃO EM DANÇA: IMPROVISAÇÃO, SONS E IMAGENS	
Juliana Cunha Passos	
DOI 10.22533/at.ed.04819091016	

CAPÍTULO 17	184
PROCESSOS CRIATIVOS EM REDE DIGITAL: POR QUE INTERPRETAR A NÓS MESMOS + [POR UMA ESTRATÉGIA DE SOBREVIVÊNCIA]	
Iara Cerqueira Linhares de Albuquerque	
DOI 10.22533/at.ed.04819091017	
CAPÍTULO 18	192
PROFESSOR TAMBÉM FAZ ARTE: O DESENHO DE UMA POLÍTICA PÚBLICA	
Iêda Maria Loureiro de Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.04819091018	
CAPÍTULO 19	202
QUANDO O BALÉ FALA DE SI MESMO: O SUSPIRO DE VERONIQUE DOISNEAU	
Rousejanny da Silva Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.04819091019	
CAPÍTULO 20	208
RESISTÊNCIA POLÍTICA CRIADORA: ARTE NA EJA PARA ALÉM DO LETRAMENTO	
Fernando Bueno Catelan	
DOI 10.22533/at.ed.04819091020	
CAPÍTULO 21	217
REVISITANDO A NOÇÃO DE SUJEITO NOS ESTUDOS DA LINGUAGEM	
Maria Gorette da Silva Ferreira Sampaio	
Gerenice Ribeiro de Oliveira Cortes	
DOI 10.22533/at.ed.04819091021	
CAPÍTULO 22	227
SOMOS SEIS: ARTE E POÉTICA DO COTIDIANO NA ESTÉTICA DAS RELAÇÕES	
Tarcila Lima da Costa	
Fernanda Maria Macahiba Massagardi	
DOI 10.22533/at.ed.04819091022	
CAPÍTULO 23	238
SOMOS TODOS IGUAIS NAS DIFERENÇAS: EXPERIÊNCIA ESTÉTICO-SOCIAL A PARTIR DO VÍDEO CLIPE “BLACK OR WHITE”, DO ARTISTA MICHAEL JACKSON	
Laura Paola Ferreira	
Fabrício Andrade	
Aline Choucair Vaz	
DOI 10.22533/at.ed.04819091023	
CAPÍTULO 24	247
SUSPENDAMOS A TAÇA PELOS DIAS QUE VIVEU: A CRIAÇÃO POÉTICA SOB A PERSPECTIVA DA RECORDAÇÃO EM POEMAS DE RUY BARATA	
Adonai da Silva de Medeiros	
Elielson de Souza Figueiredo	
DOI 10.22533/at.ed.04819091024	

CAPÍTULO 25	266
TEACHING FOREIGN LANGUAGES IN FRANCE: THE CASE OF PORTUGUESE AND SPANISH	
Carolina Nogueira-François	
DOI 10.22533/at.ed.04819091025	
CAPÍTULO 26	277
TORÉ INDÍGENA TABAJARA: DANÇA, CULTURA E TRANSFORMAÇÕES	
Cristina da Conceição Resende	
Victor Hugo Neves de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.04819091026	
CAPÍTULO 27	283
UM DEBATE METODOLÓGICO PARA TRANSCRIÇÃO E ANÁLISE MULTIMODAL DE CORPUS AUDIOVISUAL	
Larissa de Pinho Cavalcanti	
DOI 10.22533/at.ed.04819091027	
CAPÍTULO 28	295
A FORMAÇÃO DE MULTIPLICADORES TEATRAIS EM COMUNIDADES DE MANAUS: A CONSTRUÇÃO DE UMA PROPOSTA METODOLÓGICA QUE CONSIDERA AS DIMENSÕES DE CULTURA POPULAR, ARTE E VIDA E O SABER DA EXPERIÊNCIA	
Amanda Aguiar Ayres	
DOI 10.22533/at.ed.04819091028	
SOBRE O ORGANIZADOR	306
ÍNDICE REMISSIVO	307

O ESPAÇO DO LIVRO E AS NOVAS TECNOLOGIAS: PROBLEMATIZAÇÃO CONTEMPORÂNEA DA LEITURA

Thiago Barbosa Soares

PROBLEMATIZATION OF READING

RESUMO: O presente artigo objetiva problematizar a leitura nos espaços do livro e das novas tecnologias. Desde a popularização da internet e de suas ferramentas de linguagem a leitura passou e passa por transformações, porém, não ignora o espaço legado pelo livro como um acervo e uma fonte de leituras. Decorrente do aumento indelével no uso das novas tecnologias, plataformas virtuais, a leitura passou a carecer de maior observação, sobretudo, por agora possuir características ainda não tão conhecidas e poder gerar impactos imprevistos. Diante desse quadro, cotejamos vozes de distintos lugares para traçar considerações acerca da problemática contemporânea da leitura; uma dessas é de uma entrevista de Umberto Eco, uma outra de uma entrevista com presidente do Instituto para o futuro do livro, Eduardo Szklarz. Tanto uma quanto a outra nos remetem aos contrapontos realizados a partir de uma bibliografia teórica para compor a discussão qualitativamente analítica.

PALVRAS-CHAVE: Leitura; livro; internet.

ABSTRACT: The present article aims to problematize the reading in the spaces of the book and the new technologies. Since the popularization of the Internet and its language tools, reading has gone through transformations, but it does not ignore the space inherited by the book as a collection and a source of readings. As a result of the indelible increase in the use of new technologies, virtual platforms, reading has become more imperative, especially for the moment, it has features that are not yet well known and can generate unforeseen impacts. Before this picture, we compare voices from different places to draw up considerations about the contemporary problematic of reading; one of those is from an interview by Umberto Eco, another from an interview with the Institute's president for the future of the book, Eduardo Szklarz. Both refer to the counterpoints made from a theoretical bibliography to compose the qualitatively analytical discussion.

KEYWORDS: Reading; book; Internet.

THE SPACE OF THE BOOK AND NEW
TECHNOLOGIES: CONTEMPORARY

INTRODUÇÃO

“É triste e ao mesmo tempo, ridículo lembrar quanta pesada humilhação, quanto vexames e sustos me trouxe a paixão da leitura, repentinamente acesa em mim!”

(M. Gorki, *Ganhando meu pão*)

“Ler não é uma trabalho qualquer” (PERISSÉ, 2005, p. 26). Dizer sobre os fenômenos relacionados à leitura na atualidade não é uma tarefa fácil, contudo é de fundamental importância pensar a respeito de como as novas tecnologias afetam e quais seus possíveis impactos. Portanto, é justamente esse o intento do presente texto, isto é, refletir acerca de uma eventual crise na leitura a partir de um conjunto de dados levantados, entre eles: uma entrevista de Umberto Eco cedida ao jornal *Estadão*, em 2010, e uma matéria da revista “*Superinteressante*” (vide anexo). Além desses, recorreremos a uma bibliografia teórica e analítica para compor a discussão de maneira a sustentar argumentos já empregados na seara da leitura ou, se necessário, a refutá-los. Assim, um gesto de leitura é construído para se averiguar uma hipótese de crise da leitura instaurada provavelmente por conta dos avanços tecnológicos e seus efeitos em nossa sociedade, uma vez que os caminhos contemporâneos nos levam a tal reflexão.

“O desenvolvimento das técnicas e dos meios de comunicação audiovisuais é geralmente considerado como uma concorrência séria para o livro e talvez como fato de uma mutação eventual da sua forma” (LABARRE, 1981, p. 103).

Se as novas possibilidades de leitura na tela permitem novas liberdades de leitura do texto, a generalização do formato digital trouxe também consigo o sentimento difuso de que isso constitui uma ameaça ao formato tradicional do livro. De acordo com esse sentimento, o livro digital poria em risco a sobrevivência do livro impresso, com a sua história de séculos, com a sua importância na transmissão da cultura, com suas características físicas que aprendemos a amar. Essa inquietação veio juntar-se a uma outra, que já existe há várias décadas, pelo menos no mundo ocidental: a de que existam cada vez menos leitores (BELO, 2008, p. 19).

De cada nova tecnologia de produção, reprodução e circulação de textos emergem discursos que afirmam e defendem o caráter revolucionário dessa criação no que concerne à mudança significativa de nossas práticas de escrita e de leitura, para dar o exemplo mais pontual. Surgem também discursos que, contrariamente a essa visão eufórica e progressista frente às novas tecnologias, criticam severamente as mudanças geradas por elas, que implicariam uma reviravolta radical e “degradante” de nossas práticas de linguagem. Com a emergência do computador pessoal e da internet, e das repercussões que essas criações aportam para as nossas práticas de linguagem, em particular as de escrita e as de leitura, poderíamos indagar que uma das consequências dessa emergência seria uma crise da leitura? Em que medida as novas tecnologias afetam de fato nossas práticas de linguagem? Poderíamos dizer

que lemos menos e pior do que antes? Se o fazemos, por quais razões? Vivemos em uma sociedade em crise no que concerne às práticas de leitura?

LEMOS MENOS E PIOR DO QUE ANTES?

Em relação à primeira pergunta, embora “menos e pior” sejam termos comparativos e, portanto, referentes a grandezas relativas, em se tratando da humanidade como um todo, ou então especificamente no contexto de leitores brasileiros, é possível afirmar que se lê “mais” e, possivelmente, “melhor” do que antes, e que a internet e o avanço das novas tecnologias têm contribuído para isso. A humanidade lê “mais” pelo simples fato de que, há 100 anos havia proporcionalmente mais pessoas analfabetas no Brasil e no mundo. Mesmo com um número significativo de analfabetos funcionais, ainda sim o número de pessoas alfabetizadas é maior em valores absolutos e estatísticos no Brasil. O mesmo pode ser dito caso se queira restringir o lapso de tempo a somente 10-20 anos (considerando-se a expansão da internet em larga escala pelo mundo).

Também é possível alegar que, ao menos dentro de um certo ponto de vista, a humanidade e/ou os brasileiros “lêem melhor” comparando-se com o quadro de 100 ou com o de 10-20 anos atrás (ZOARA, 2016). Embora a quantificação da qualidade de leitura seja algo realmente difícil de realizar, existe um índice que se mantém razoavelmente acima de qualquer suspeita. Trata-se dos textos técnicos e científicos que, em sua grande maioria, são verificados por uma equipe de especialistas qualificados antes de serem publicados. Parece, então, razoável considerar que um texto científico (independente de sua temática) tem mais qualidade, em tese, do que um texto opinativo de alguém desconhecido. Observa-se que, ao afirmar a qualidade dos textos científicos, não se está de forma alguma defendendo que o único tipo de leitura de qualidade que exista seja a leitura de um texto científico. Procuramos nos restringir a esse tipo de escrito em particular pelo fato de que esse parece ser um tipo de leitura que, na maioria dos casos, possui uma certa credibilidade e uma aprovação em determinado círculo social mais ou menos preestabelecido.

Se um texto científico tem, em geral, mais qualidade que um escrito não-científico, então basta que observemos se o público de leitores de textos científicos (graduandos, graduados, mestres, doutores, entre possíveis outros) aumentou ou diminuiu no período de tempo analisado, seja em 100 anos, seja nos últimos 10-20 anos (ibid.). Parece que não só no Brasil como em todo mundo este público só vem crescendo. Apenas esta estatística não significa necessariamente que o mundo ou os brasileiros estejam “lendo melhor”. Porém, já é um começo para responder a pergunta se “leamos menos e pior do que antes” e, por conseguinte, abrir as portas para outra.

EM QUE MEDIDA A NOVA TECNOLOGIA AFETA DE FATO AS PRÁTICAS DE LINGUAGEM?

Essa é, sem dúvida, uma pergunta complexa. Se, por um lado, é inegável que o advento da internet representa uma ampla disponibilização gratuita e democrática do conhecimento para a humanidade, por outro lado há o problema levantado por Umberto Eco¹ com respeito aos filtros deste saber, porquanto existe uma diferença entre o conteúdo disponível na internet e o de uma enorme biblioteca

A diferença básica é que uma biblioteca é como a memória humana, cuja função não é apenas a de conservar, mas também a de filtrar - muito embora Jorge Luis Borges, em seu livro *Ficções*, tenha criado um personagem, Funes, cuja capacidade de memória era infinita. Já a internet é como esse personagem do escritor argentino, incapaz de selecionar o que interessa - é possível encontrar lá tanto a Bíblia como *Mein Kampf*, de Hitler. Esse é o problema básico da internet: depende da capacidade de quem a consulta. Sou capaz de distinguir os sites confiáveis de filosofia, mas não os de física. Imagine então um estudante fazendo uma pesquisa sobre a 2.^a Guerra Mundial: será ele capaz de escolher o site correto? É trágico, um problema para o futuro, pois não existe ainda uma ciência para resolver isso. Depende apenas da vivência pessoal. Esse será o problema crucial da educação nos próximos anos (ECO, 2010).

Mesmo que tenha sido Umberto Eco quem disse, não significa que tenhamos que concordar com tudo aquilo que ele escreveu ou disse. Isso se aplica à tese dele sobre os filtros. Por um lado, é preciso reconhecer a necessidade de uma filtragem de conhecimentos na educação infantil e juvenil, no sentido de evitar a exposição das crianças e jovens à pornografia, às ideologias fanatizantes (neonazismo, consumismo, fundamentalismo, etc.) e à violência excessiva. Todavia, em se tratando de um público adulto e responsável, o atual estado de ampla disponibilização gratuita e irrestrita de conhecimentos no mundo todo (seja por meios legais como a Wikipédia, seja por meios ilegais como torrents, Wikileaks, The Pirate Bay, etc.) corresponde a uma gigantesca oportunidade de amadurecimento da sociedade contemporânea.

Quando observamos a história da humanidade, vemos que em boa parte dela, o conhecimento era completamente “filtrado”, isto é, existiam algumas poucas mentes “pensantes” que decidiam quem teria acesso a que, baseados puramente em seus interesses pessoais e de classe. Para ter acesso a algum saber, era necessário submeter-se aos ditames aleatórios do grupo atualmente no poder (seja este grupo de natureza religiosa, iniciática, política, etc.), pois isso garantiria que este conhecimento não viria a ser utilizado contra os interesses deste mesmo grupo. Em outras palavras, havia um controle ideológico ferrenho por parte das classes dominantes para que seus interesses continuassem a ser atendidos e o *status quo* se mantivesse tal e qual.

1. <http://www.estadao.com.br/noticias/arteelazer,eletronicos-duram-10-anos-livros-5-seculos-diz-umberto-eco,523700,0.htm>

Mesmo o advento da era eletrônica, com o rádio e a televisão, antes de arrefecer o culto aos meios impressos e especialmente ao livro, acabou enfatizando sua importância. A suspeita – ameaçadora para uns (letrados) e alentadora para outros (iletrados) – de que a escrita não seria mais “indispensável para saber das coisas” não se concretizou. Pelo contraste entre o facilitário da comunicação eletrônica ou da comunicação oral e a complexidade da escrita, acabam ainda sendo mais valorizados os textos impressos, os livros, em particular, e seus leitores. Estes optam pelo mais “difícil” e, por ser a escrita mais difícil de entender, seria possivelmente mais importante que os outros meios. Esse tipo de raciocínio, comum entre a população iletrada e, sem dúvida, estimulado pelos intelectuais, resulta ser um dos fatores maiores de sustentação do culto da letra e dos livros (MARTINS, 1988, p. 45-46).

A revolução tecnológica operada pela internet vem sistematicamente quebrando este paradigma conservador. Em outras palavras, a leitura sempre foi consagrada ao intelectual e ao espiritual em outras épocas, ou melhor, até ontem, mas outros eram iniciados na prática da leitura pela necessidade de diversão ou como passatempo, esses, muitas vezes, se tornavam escritores, cientistas, místicos, etc. Contudo, hoje as possibilidades são infinitamente maiores para se praticar a leitura, embora haja pessoas que ache que uma postagem no *facebook* não seja digna do ato de ler. Nos tempos atuais, vemos os esforços de pessoas como Edward Snowden, Bradley Manning e Julian Assange sendo valorizados pelos muitos países do mundo por terem contribuído para sabotar parte do controle ideológico. A desobediência explícita destes três indivíduos em relação às “regras legais” de seus respectivos países possibilitou ao mundo a descoberta de verdades inconvenientes sobre as sinistras práticas de dominação que estavam em voga por parte de governos como o dos EUA.

Nesse diapasão, o advento das modernas tecnologias de comunicação tem potencial para operar uma verdadeira revolução política, social e cultural na humanidade. Se o controle sobre o conhecimento é uma ferramenta de dominação e opressão, então podemos defender que a liberação e ampla disponibilização do conhecimento é uma ferramenta para a emancipação da humanidade. Como um argumento adicional, veja-se a exortação feita por Kant no primeiro parágrafo da sua resposta à pergunta “O que é Esclarecimento?”

O Esclarecimento é a libertação do homem de sua imaturidade (*Unmündigkeit*) auto-imposta. Imaturidade é a incapacidade de empregar seu próprio entendimento sem a orientação de outro. Tal tutela é auto-imposta quando sua causa não reside em falta de razão, mas de determinação e coragem para usá-lo sem a direção de outro. Sapere Aude. Tenha coragem de usar sua própria mente (*Verstandes*)! Este é o lema do Esclarecimento (KANT, 2012, p. 145.).

Como esperar que a sociedade venha a caminhar com as próprias pernas quando ainda existem sujeitos e instituições que limitam e restringem o conhecimento? (isto é, toda forma de limitação: financeira, linguística, política, iniciático-religiosa, social, de gênero, etc.). Ora, aqui a leitura passa a receber uma comutação com o sentido de conhecimento; ler é, em grande medida, conhecer que, por sua, vez requer uma continuidade irrestrita de mais leituras. Líamos os livros, textos materialmente

palpáveis; agora podemos ler textos virtualmente tangíveis. Portanto, o conhecimento parece se manter ainda sim sem o livro. O livro pode acabar?

ECO E O FIM DO LIVRO

A entrevista de Umberto Eco cedida ao Estadão² diz a respeito de seu livro em conjunto com Jean-Phillippe de Tonac intitulado “Não Contem com o Fim do Livro”. Eco argumenta o quanto é descabida a possibilidade de o livro vir a desaparecer e afiança:

O desaparecimento do livro é uma obsessão de jornalistas, que me perguntam isso há 15 anos. Mesmo eu tendo escrito um artigo sobre o tema, continua o questionamento. O livro, para mim, é como uma colher, um machado, uma tesoura, esse tipo de objeto que, uma vez inventado, não muda jamais. Continua o mesmo e é difícil de ser substituído. O livro ainda é o meio mais fácil de transportar informação. Os eletrônicos chegaram, mas percebemos que sua vida útil não passa de dez anos. Afinal, ciência significa fazer novas experiências. Assim, quem poderia afirmar, anos atrás, que não teríamos hoje computadores capazes de ler os antigos disquetes? E que, ao contrário, temos livros que sobrevivem há mais de cinco séculos? Conversei recentemente com o diretor da Biblioteca Nacional de Paris, que me disse ter escaneado praticamente todo o seu acervo, mas manteve o original em papel, como medida de segurança (ECO, 2010).

Fica evidente o posicionamento de Eco no tocante ao livro: esse não vai desaparecer e vai continuar a exercer sua essencialidade, pois ele o compara a utensílios de fundamental importância para certas atividades. Visto isso, o escritor diz que o livro é como uma colher, um machado ou uma tesoura; disso pode resultar muitos equívocos à medida que não há nada que possa substituir esses objetos, o que não se aplica ao livro. Numa palavra, o livro vem sendo substituído, ou melhor, a materialidade é outra, portanto, esse argumento de Eco não tem tanta força. Embora o que o escritor quer afirmar é muito simples: o livro é a via mais prática de acesso às informações, sobretudo por possuir materialidade concretamente tangível, diferentemente dos demais aparelhos oriundos das novas tecnologias. “A “conservação” se deve ao livro, à biblioteca, ao que Michel Foucault chamava de arquivo. Graças ao livro, à biblioteca uma identidade fixou-se na permanência” (ZUMTHOR, 2014, p.65; grifo do autor).

Umberto Eco argumenta criticamente em relação à **função e preservação da memória** diante das novas tecnologias. Ele acredita na memória como sendo um tipo de músculo para o qual o novo funcionamento tecnológico não é positivo, visto que os novos aparelhos não exigem mais tanto exercício como antes. Nas palavras dele:

De fato, é importantíssimo esse tipo de exercício, pois estamos perdendo a memória histórica. Minha geração sabia tudo sobre o passado. Eu posso detalhar sobre o que se passava na Itália 20 anos antes do meu nascimento. Se você perguntar hoje para um aluno, ele certamente não saberá nada sobre como era

2. Realizada em 13 de março de 2010.

o país duas décadas antes de seu nascimento, pois basta dar um clique no computador para obter essa informação. Lembro que, na escola, eu era obrigado a decorar dez versos por dia. Naquele tempo, eu achava uma inutilidade, mas hoje reconheço sua importância. A cultura alfabética cedeu espaço para as fontes visuais, para os computadores que exigem leitura em alta velocidade. Assim, ao mesmo tempo que aprimora uma habilidade, a evolução põe em risco outra, como a memória (ECO, 2010).

Nesse sentido, Eco parece receoso diante da velocidade de veiculação de informações e, acima de tudo, aparenta temeroso frente uma possível perda da memória histórica. Ao se refletir sobre ela, não há tanta necessidade de pânico, pois a ignorância pode ser sanada com algumas “tecladas”, ou seja, quando necessitarmos de determinados dados, poderemos recorrer às novas tecnologias para obtê-los. Outra solução é decorarmos em nossa memória – preferencialmente ao estilo behaviorista – com informações que poderiam ser obtidas em poucos segundos.

Se por um lado alguns acreditam, como Eco, que o livro é imprescindível, por outro existem os entusiastas da leitura virtual. É com uma matéria da revista “Superinteressante”³ intitulada “O novo livro” que somos surpreendidos por tamanha intencionalidade na inovação da leitura. De acordo com o autor da matéria – que não é senão uma entrevista com Bob Stein, o presidente do Instituto para o futuro do livro dos EUA – Eduardo Szklarz “A tecnologia mudará o jeito como encaramos a leitura”.

Dito isso, perguntas como “o livro vai acabar?”, “o que mudará para autores” e “ler e escrever vão deixar de ser momentos solitários?” são levantadas com respostas “incríveis”. Vamos sintetizar os pontos abordados na matéria de maneira geral.

O livro, de acordo com Szklarz, passará a ser, então, uma grande caixa de diálogo, quer dizer, um texto sempre se refazendo ao bel-prazer de seus “escritores”. Uma ideia interessante, porém, parece já existir e ter outro nome. Explicamos melhor, os blogs, os fóruns, o próprio *facebook* funcionam nessa lógica. Portanto, a novidade vai se concentrar nas plataformas de leitura digital, como diz Stein “(...) o livro estará em rede. As anotações que eu fiz em uma página ficaram visíveis para todos. Será uma nova forma de conversar” (vide anexo I). Talvez Stein não tivesse visto ainda o *facebook* (aparentemente já tinha sido criado na data da entrevista).

Seguindo esse esquema, o que poderia mudar para o autor é, entre outras coisas, perder seu direito de autoria e trabalhar por simples prazer, pois escrever parece, desde tempos idos, estar relacionado a um tipo específico de prazer do intelectual. Em geral, vamos deixar de ler e escrever solitariamente, pois, como afirma Stein, “ler e escrever sempre foram atividades sociais (...). Com a tecnologia vamos ter uma nova era de colaboração. O grupo valerá mais do que o indivíduo” (vide anexo I).

Em suma, vamos ler e escrever coletivamente, a leitura será uma grande discussão *ad infinitum* sob um mote dado por alguém em uma plataforma específica, quer dizer, a leitura será então interação virtual. Sob esse ponto de vista, poderemos

3. Edição 280 de julho de 2010.

ler “à vontade” muitas coisas e interagir com o que está escrito, podendo até mudar a “escritura”, conseqüentemente, todos serão autores. Então, muitos lerão filosofia, literatura, história e *et cetera* com outros olhos – com os próprios – *ex aequo et bono* alguém lendo “Ecce Homo” de Nietzsche poderá alterar o que não lhe aprazer, deixando a leitura mais deleitosa. “Daí se pode dizer que a leitura é o momento crítico da constituição do texto, o momento privilegiado do processo de interação verbal, uma vez que é nele que se desencadeia o processo de significação” (ORLANDI, 2008, p. 38). De fato, as novas tecnologias têm muito a contribuir para (modificar) as práticas de leitura hodiernas.

Portanto, percebemos que, embora as fontes sejam distintas, há pontos em comum como também certas divergências. É possível considerar as mudanças nas práticas de leitura oriundas das novas tecnologias como libertadoras; Eco as considera relativamente negativas do ponto de vista da história, mas aparenta conhecer seu caráter inevitavelmente intrínseco; Stein supõe ser a revolução do modo como se lê. Em outras palavras, todos já estariam supostamente inseridos no admirável mundo novo da leitura, uns com mais cautela e outros muito mais eufóricos, mas todos demonstram reconhecer as mudanças como imperativos de nossa era.

UM CONTRAPONTO

Não se pode deixar de considerar o caráter valorativo para a leitura e para o livro em nossa sociedade, porquanto “Mitifica-se o livro, portanto, a leitura: livro, objeto cultural de que se apropriam as classes dominantes; ler, direito exclusivo dessas classes” (SOARES, 2004, p. 24). A leitura é, por conseguinte, uma das mais significativas aquisições da civilização humana. Desde muito tempo poucos tinham acesso a esse saber, porém é na contemporaneidade que ler se torna uma ação relativamente simples ou acessível. Norbert Elias em *O Processo Civilizador* chama a atenção para um aspecto da História da sociedade ocidental, qual seja:

Do período mais remoto da história do ocidente até nossos dias, as funções sociais sob pressão da competição, tornaram-se cada vez mais diferenciadas. Quanto mais diferenciadas elas se tornavam, mais crescia o número de funções e assim, de pessoas das quais o indivíduo constantemente dependia em todas as suas ações (...) a fim de que cada ação individual desempenhasse uma função social (ELIAS, 1993, p. 195-196).

Disso podemos depreender que o processo civilizador se autoatualiza por diversos meios, por conseguinte, as novas tecnologias são, em certa medida, uma atualização de novas práticas. Todavia, como bem expõe Elias, as ações individuais foram ao longo do tempo adquirindo uma função social, como parece ser o caso da escrita e da leitura atualmente. Numa palavra, ler e escrever não só mudaram por conta das inovações tecnológicas, mas, isto sim, estão cada vez mais ganhando destaque como uma função social da qual “todos” podem participar. Acima de tudo, os novos aparatos, como as plataformas na internet, tem potencializado a leitura/

escrita como ação social.

Em virtude de tamanha oferta e diversidade de forma que assumem os objetos culturais para leitura, a capacidade de manipular os mais diferentes tipos de textos nos mais diversos suportes é hoje uma grande ferramenta de aprendizagem e de leitura com as quais os jovens podem contar (CORSI, 2018, p. 70).

No caso da leitura ficam nítidas as contribuições da internet na ampliação de novas práticas de leitura. Nessa perspectiva, Castell traz um dado interessante:

Livros de referência e enciclopédias impressas estão sendo tirados do mercado pela internet, numa tendência que sublinha a importância dos usos educacionais e de busca de informação da internet, acima de sua função de entretenimento (2003, p. 163).

A internet mudou – e o continua fazendo – drasticamente o modo de ler e de escrever, nem o mercado passou incólume, aliás, esse incorporou a rede virtual como uma de suas aliadas. Contudo, a internet traz ainda inúmeras possibilidades de acesso ao saber, ao passo que pode acelerar a leitura e talvez superficializar a interpretação, sugere Curcino (2011, p. 190). Mesmo que a velocidade da leitura afete a interpretação, o que parece ser provável, nesse ponto, entre outros, o aparato de ensino precisa intervir para fazer as necessárias e possíveis adequações.

Diante do efeito da nova tecnologia da internet e ignorando uma possível superficialização da interpretação, Dimantas e Lévy assumem posturas progressistas ao afirmarem respectivamente que:

A rede é a anfetamina das conversações. Esse parlatório está modificando toda a estrutura de poder. Pessoas comuns falando e desenvolvendo seus projetos pessoais repercutem novas ideias, desbalanceando as relações de mercado e nas empresas. A internet trouxe a ideia de revolução, com críticas inequívocas de como a sociedade moderna está estruturada. Romper paradigmas significa destruir os preconceitos nos quais estamos inseridos (DIMANTAS, 2010, p. 127).

Se ler consiste em hierarquizar, selecionar, esquematizar, construir uma rede semântica e integrar ideias adquiridas a uma memória, então, as técnicas digitais de hipertextualização e de navegação constituem de fato uma espécie de virtualização técnica ou exteriorização dos processos de leitura (LÉVY, 1996, p. 49-50).

Portanto, a internet como uma das mais vigorosas representantes das novas tecnologias tem demonstrado impacto na leitura/escrita na medida em que permite, ou melhor, potencializa a realização da crítica à nossa sociedade. Assim, a tecnologia não pode ser ignorada no processo de formação de leitores, ou seja, merece ser contemplada em reflexões, pois como podemos compreender ela tem abalado a *religião dos sentidos* (do poder). É pensando por esse caminho que Cortella (2013, p. 35) afirma que “Ninguém em sã consciência rejeitaria a presença da tecnologia nos processos de educação”. Mas ele adverte “Não devemos recusar toalmente aquilo que nos ajuda a elevar nossa capacidade, tampouco achar que é um remédio universal que dá conta de todas as demandas” (ibid.). Contudo, é segundo uma visão essencial da leitura que entendemos o que nos cerca, pois “a leitura do mundo

precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele” (FREIRE, 2011, p. 29).

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A partir de uma visão geral da dimensão da leitura – nas novas tecnologias, em especial na internet – depreende-se que a atividade de leitura sempre “encantou” o homem, além de fazê-lo evoluir. “A leitura nos mantém interessados em conhecer, e mantém os textos interessados em sobreviver. A leitura, assim, é ato de criação, de recriação, de revitalização. Uma busca que nos ajuda a caminhar, mesmo que não encontremos o que buscávamos” (PERISSÉ, 2005, p. 26). Como diz Ponte (2007, p. 41), “Fica evidente também que a leitura e seus instrumentos progridem *pari passu* com a própria evolução do homem, seja na forma, seja no conteúdo, ou, ainda, na quantidade de material escrito colocado à disposição dos leitores.”

Isso quer dizer que as novas tecnologias são, de certa forma, a materialização dos avanços do homem, as quais, por sua vez, estão dialogando com possíveis formas de leitura.

Penso na mudança radical que aconteceu quando do surgimento da escrita, depois da imprensa e das artes da reprodução, como a gravura, depois a fotografia, o cinema. E até mesmo o celular, que hoje é uma pequena máquina de comunicação instantânea (TIBURI; HERMANN, 2014, p. 177).

Para Manguel (1997), porém, a leitura feita diretamente na tela do computador pode até significar um avanço tecnológico meramente instrumental, pois o método de leitura, na verdade, remonta ao passado, essa nova modalidade assemelha-se aos rolos de pergaminho, pois fazer uma leitura na tela nada mais é do que “desenrolar” o texto por meio de um teclado ou um *mouse*. O texto impresso no papel, na forma de livro, representa uma facilidade, uma vez que:

Os primeiros fabricantes de livros achavam os métodos de leitura de rolos (como os métodos que usamos agora para ler em nossos computadores) limitadores complicados demais, por isso ofereceram-nos a possibilidade de folhear as páginas e escrevinhar nas margens (MANGUEL, 1997, p. 38).

Em contrapartida, hoje temos a facilidade do hipertexto, modalidade que auxilia o leitor a buscar termos ou conceitos que desconhece, embora sempre subordinado às pistas determinadas pelo autor do texto. Trata-se, portanto, de uma nova “arquitetura” modelar para os textos a qual oferece uma gama de possibilidades para leitura (ou mesmo de escrita no interior do próprio texto). “Graças à digitalização, o texto e a leitura receberam hoje um novo impulso, e ao mesmo tempo uma profunda mutação” (LÉVY, 1996, p. 50).

Desse modo, a visão das práticas de leitura pode e deve estar afinada com as mudanças tecnológicas que alteram a forma e o meio de abordagem e do acesso ao que se pode ou se pretende ler. Tendo isso em vista, esta é uma perspectiva para o

hoje e quiçá para o futuro, já que ler implica abertura, experimentação, reflexão. Pois como afirma Eni Orlandi (2011, p. 210):

O Leitor vai se formando no decorrer de sua existência, em suas vivências, em suas experiências de interação com o universo natural, cultural e social em que vive. A leitura é um ato cultural seu sentido amplo, que não se esgota na educação formal tal como esta tem sido definida.

Nesse sentido, a leitura é, portanto, uma atividade cultural do homem, que, apesar das mudanças do instrumental, é necessária ser por ele feita. “Em certas condições, a leitura permite abrir um campo de possibilidades, inclusive onde parecia não existir nenhuma margem de manobra” (PETIT, 2009, p. 13). As mudanças tecnológicas estarão sempre presente na vida dos indivíduos tanto para a construção e reconstrução individual do ser humano quanto para o desenvolvimento e reestruturação da sociedade.

As Luzes, que pensavam que Gutenberg tinha propiciado aos homens uma promessa de universal, cultivavam um modo de utopia. Elas imaginavam poder, a partir das práticas privadas de cada um, construir um espaço de intercâmbio crítico das ideias e opiniões. O sonho de Kant era que cada um fosse ao mesmo tempo leitor e autor, que emitisse juízos sobre as instituições de seu tempo, quaisquer que elas fossem, e que, ao mesmo tempo, pudesse refletir sobre o juízo emitido pelos outros. Aquilo que outrora só era permitido pela comunicação manuscrita ou a circulação dos impressos encontra hoje um suporte poderoso com o texto eletrônico (1999, p. 134).

Portanto, dentre todas as possíveis conclusões a que podemos chegar depois de observado posicionamentos relativamente conservadores e progressistas e suas vozes neste texto, não podemos olvidar esta: “A leitura se enriquece com a profundidade do olhar” (ZUMTHOR, 2014, p. 72.), não fosse assim de que valeria examinar a problematizações contemporânea da leitura, o espaço do livro e as novas tecnologias.

REFERÊNCIAS

BELO, A. **História & livro e leitura**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

CASTELLS, M. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CHARTIER, R. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Trad. Reginaldo de Moraes. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

CORSI, F. M. O discurso dos jovens leitores: o posicionamento leitor e suas práticas de leitura. In: SOARES, T. B. (Org.). **Múltiplas perspectivas em análise do discurso: objetos variados**. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2018.

CORTELLA, M. S. **Pensar bem nos faz bem!:** filosofia, religião, ciência e educação. Petrópolis, RJ: Vozes; São Paulo, SP: Ferraz & Cortella, 2013.

CURCINO, L. Os sentidos do olhar: o leitor e a escrita da mídia nas sociedades democráticas. In: SARGENTINI, V.; CURCINO, L.; PIOVEZANI, C. (Orgs.) **Discurso, Semiologia e História**. São

Carlos: Claraluz, 2011.

DIMANTAS, H. **Linkania**: uma teoria de redes. São Paulo: Ed. Senac São Paulo, 2010.

ECO, U. In: Eletrônicos duram 10 anos; livros, 5 séculos. **Estadão**, São Paulo, 13 mar. 2010, Cultura. Acesso: <https://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,eletronicos-duram-10-anos-livros-5-seculos-diz-umberto-eco,523700>.

ELIAS, N. **O processo civilizador**. Trad. Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993, vol 2.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 51 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

KANT, I. Resposta à Questão: O que é Esclarecimento? Trad. de Márcio Pugliesi. In: **Cognitio**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 145-154, jan./jun. 2012.

LABARRE, A. **História do livro**. Trad. Maria Armanda Torres e Abreu. São Paulo: Cultrix; Brasília: INL, 1981.

LÉVI, P. **O que é o virtual?** Trad. Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1996.

MANGUEL, A. **Uma história da leitura**. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARTINS, M. H. **O que é leitura**. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.

ORLANDI, E. P. **Discurso e Leitura**. 8 ed. São Paulo, Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2008.

ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. 6 ed. Campinas, SP: Pontes, 2011.

PERISSÉ, G. **Elogio da leitura**. Barueri, SP: Manole, 2005.

PETIT, M. **Os jovens e a leitura**: uma nova perspectiva. Trad. Celina Olga de Souza. 2 ed. São Paulo: Ed. 34, 2009.

PONTE, J. C. **Leitura**: identidade e inserção social. São Paulo: Paulus, 2007.

SOARES, M. B. As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto. In: **Leitura**: perspectivas interdisciplinares. ZILBERMAN, R.; SILVA, E. T. (Orgs.). 5 Ed. São Paulo: Ática, 2004.

TIBURI, M.; HERMANN, N. **Diálogo/Educação**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2014.

ZOARA, F. (org.) **Retratos da leitura no Brasil 4**. de. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.

ZUMTHOR, P. **Performance, recepção, leitura**. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

PAPO

ampliar o conhecimento

difundir ideias

atividades sociais

"Eu escrevo, tu escreves, nós escrevemos."

EDUCAR PARA CRESCER

O novo livro

A tecnologia mudará o jeito como encaramos a leitura. Ninguém mais vai julgar um livro pelo número de páginas, e sim por quanto tempo ele vem sendo escrito (um processo que poderá durar infinitamente). E o livro vai se transformar em um fórum, um espaço em que leitores trocarão ideias entre si e com os autores. É o que diz Bob Stein, presidente do Instituto para o Futuro do Livro, dos EUA. — TEXTO EDUARDO SZKLARZ

O que o livro digital vai criar?
Um novo tipo de relação social. O livro existe para difundir ideias, para que possamos falar delas. Mas hoje temos um livro e conversamos depois, quando nos encontramos com outras pessoas. Com o livro digital, as duas etapas vão acontecer ao mesmo tempo. A conversa vai passar para as próprias páginas do livro.

Como assim?
E-readers, computadores e outras plataformas de leitura digital estarão conectados entre si, via internet. Eu estarei conectado a outros leitores que escolheram o mesmo título — ou seja, o livro estará em rede. As anotações que eu fizer em uma página ficarão visíveis para todos. Será uma nova forma de conversa. Comprarei um livro para minha rede e

deixarei notas para ela, que escreverá de volta para mim, por exemplo.

O que mudará para autores?
O autor de um livro em rede será o líder de um grupo. Ele lançará um tópico e comandará os leitores num empenho para ampliar o conhecimento, já que cada um fará anotações e iniciará suas próprias discussões. Alguns autores vão querer fazer um texto completo e colocá-lo em debate. Outros colocarão rascunhos que serão trabalhados pelos leitores.

Se um livro continuará sendo escrito depois de lançado, os leitores vão pagar por uma obra incompleta, então?
Acredito que um modelo que vai surgir é o de assinatura. As pessoas vão assinar um livro, e não comprar. Serão assinantes

da obra pelo tempo que quiserem — quando perderem o interesse na discussão, param de pagar. O mesmo vale para o autor. Ele seguirá editando o material, por semanas ou anos. Vai se envolver com os leitores, e não com o assunto em si. No dia em que o assunto deixar de lhe interessar, ele deixará de receber. Ou talvez o livro se torne público. E as editoras de sucesso terão a capacidade de construir comunidades vibrantes em torno dos livros.

Ler e escrever vão deixar de ser momentos solitários?
Ler e escrever sempre foram atividades sociais. O costume de ler livros em voz alta durou até meados do século 19. Antes de Gutenberg permitir que tivéssemos cópias de um livro, o conceito de autor nem existia. Portanto, a noção de

que uma lista é criada por alguém e recebida por outro é recente. Com a tecnologia, vamos ter uma nova era de colaboração. O grupo valerá mais do que o indivíduo.

O que falta para essa era?
Reinventar tudo o que faz o livro funcionar: editoras, livrarias, prateleiras. O esquema de venda hoje é dedicado ao impresso: vender um objeto para um só indivíduo. Claro, nem todos os leitores vão querer entrar na discussão em rede, e o estilo atual de leitura ainda vai existir. Mas ninguém criou um modelo para a leitura social. Exemplo: posso lançar uma pergunta a amigos como "Quero ler esse livro — quem quer ler comigo no fim de semana?" Isso vai acontecer. E ainda não sabemos como atenderemos a essa demanda. ☺

Retração: Max Oken

SUPERNOVAS • JULHO 2010 • SUPER 41

SOBRE O ORGANIZADOR

IVAN VALE DE SOUSA - Mestre em Letras pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Especialista em Gramática da Língua Portuguesa: reflexão e ensino pela Universidade Federal de Minas Gerais. Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância pela Universidade Federal Fluminense. Especialista em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas pela Universidade de Brasília. Professor de Língua Portuguesa em Parauapebas, Pará.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aprendizagem 13, 14, 15, 16, 19, 21, 61, 62, 63, 64, 65, 67, 68, 69, 70, 71, 73, 74, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 107, 112, 113, 119, 120, 121, 165, 188, 194, 199, 210, 211, 212, 228, 238, 240, 245, 266

Aquisição 16, 20, 61, 65, 71, 76

Autismo 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84

B

Bakhtin 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 126, 127, 134, 222, 223, 225

C

Complexidade 3, 4, 57, 58, 59, 65, 103, 114, 223, 286

Cotidiano escolar 10, 81, 82

Cultura cômica 123, 124, 126

D

Dança 9, 23, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 48, 50, 51, 52, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 179, 180, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 240, 277, 278, 279, 280, 281, 285, 301

E

Educação de jovens e adultos 199, 208, 209, 210, 211, 216

Educação informal 227

Ensino 1, 2, 3, 4, 8, 9, 10, 11, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 23, 24, 26, 27, 31, 33, 34, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 93, 94, 95, 97, 107, 112, 113, 118, 119, 120, 121, 158, 165, 167, 192, 193, 194, 195, 197, 199, 201, 202, 208, 209, 210, 211, 212, 238, 239, 240, 245, 246, 266, 295, 296, 299, 306

Estudos linguísticos 72, 122, 217, 218, 223, 225

F

Formação 1, 2, 3, 4, 8, 14, 16, 17, 26, 52, 61, 62, 66, 69, 70, 71, 74, 83, 84, 87, 88, 89, 92, 93, 96, 107, 120, 121, 130, 146, 151, 157, 159, 160, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 200, 201, 204, 206, 211, 212, 216, 223, 224, 239, 246, 279, 295, 296, 297, 298, 299, 302, 303, 304

G

Gêneros textuais 15, 18, 20, 113, 118, 119, 120, 121

I

Identidade 1, 2, 3, 4, 5, 8, 12, 16, 17, 20, 22, 35, 37, 39, 41, 42, 43, 45, 46, 63, 64, 65, 75, 104, 110, 112, 113, 116, 118, 119, 120, 132, 180, 181, 220, 237, 238, 239, 281, 297, 298

Imaginário 1, 50, 52, 148, 248, 265

Interação 3, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 20, 25, 63, 69, 76, 78, 105, 106, 109, 112, 113, 115, 116, 117, 120, 121, 133, 174, 175, 195, 220, 223, 227, 239, 286, 287, 288, 292, 301, 302, 304

Interacionismo Sociodiscursivo 6

L

Leitura 13, 15, 16, 18, 19, 20, 21, 25, 61, 81, 99, 100, 101, 103, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 119, 120, 152, 158, 159, 161, 162, 179, 185, 187, 196, 197, 198, 206, 212, 215, 236, 289, 290, 291, 293, 298

Letramento 13, 15, 16, 17, 18, 19, 22, 208, 209, 211, 212

Linguagem 6, 11, 13, 15, 16, 18, 37, 58, 62, 63, 70, 97, 99, 100, 102, 110, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 129, 131, 133, 134, 151, 159, 161, 163, 164, 166, 167, 168, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 182, 203, 209, 210, 213, 214, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 224, 225, 284, 286, 287, 295, 299, 300

Língua inglesa 69, 70

Língua portuguesa 13, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 86, 87, 89, 95, 96, 97, 112, 119, 131, 143, 175, 194, 212, 247, 306

Literatura 106, 123, 124, 126, 127, 130, 134, 144, 145, 146, 147, 150, 153, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 194, 196, 197, 198, 247, 248

Livro de artista 23, 24, 25, 26, 27, 33, 34

M

Memória 4, 25, 52, 102, 104, 105, 107, 124, 132, 146, 150, 158, 176, 223, 236, 260, 261, 281

Midiática 123, 190, 239

Multiculturalismo 61, 62, 63, 70, 90

Multimodalidade 283, 284, 285, 286, 288

O

Ópera 152, 202, 203

P

Personagem 35, 37, 38, 39, 41, 42, 45, 102, 136, 139, 143, 148, 149, 150, 151, 180, 181, 182, 214

Povo indígena 278, 280

R

Rede digital 184

S

Sala de aula 1, 5, 6, 13, 61, 63, 68, 70, 76, 82, 83, 112, 113, 118, 119, 120, 121, 158, 197, 209, 240, 304

Sistematização 95, 119, 296, 302

T

Tecnologias digitais 6

V

Vivências 8, 109, 157, 159, 167, 235, 238, 239, 278, 280

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7247-704-8



9 788572 477048